



RABELAIS GARGÂNTUA & PANTAGRUEL

VOLUME I

Introdução, Tradução do original francês e Notas

MANUEL DE FREITAS

Ilustrações

GUSTAVE DORÉ



ÍNDICE

<i>Prólogo do tradutor</i>	7
--------------------------------------	---

GARGÂNTUA

	Aos leitores	33
	Prólogo do autor.	35
CAPÍTULO I	Da genealogia e da antiguidade de Gargântua . .	39
CAPÍTULO II	As bagatelas antidotadas encontradas num monumento antigo	42
CAPÍTULO III	Como Gargântua esteve onze meses no ventre da sua mãe.	46
CAPÍTULO IV	Como Gargamelle, estando grávida de Gargântua, comeu uma grande quantidade de tripas	49
CAPÍTULO V	As conversas dos muito bêbedos	52
CAPÍTULO VI	Como Gargântua nasceu de uma forma muito estranha.	59
CAPÍTULO VII	Como deram um nome a Gargântua e como ele gostava de pinga	64
CAPÍTULO VIII	Como vestiram Gargântua	67
CAPÍTULO IX	As cores e a libré de Gargântua	72
CAPÍTULO X	Sobre aquilo que significam as cores branco e azul	75
CAPÍTULO XI	Da infância de Gargântua	79
CAPÍTULO XII	Dos cavalos artificiais de Gargântua	84

CAPÍTULO XIII	Como Grandgousier descobriu o espírito maravilhoso de Gargântua ao inventar um limpa-cus	87
CAPÍTULO XIV	Como Gargântua foi educado por um sofista nas letras latinas	92
CAPÍTULO XV	Como Gargântua foi confiado a outros pedagogos	97
CAPÍTULO XVI	Como Gargântua foi enviado para Paris, a enorme égua que o transportava, e como ela exterminou as moscas-dos-chifres de Beauce . . .	100
CAPÍTULO XVII	Como Gargântua deu o seu presente de boas-vindas aos Parisienses e como ele roubou os grandes sinos da igreja de Notre-Dame.	103
CAPÍTULO XVIII	Como Janotus de Bragmardo foi enviado para recuperar de Gargântua os grandes sinos	109
CAPÍTULO XIX	A arenga que mestre Janotus de Bragmardo fez a Gargântua para recuperar os sinos	111
CAPÍTULO XX	Como o sofista levou o seu pano e como fez um processo contra os outros mestres.	114
CAPÍTULO XXI	Os estudos de Gargântua, segundo a disciplina dos seus preceptores sofistas	117
CAPÍTULO XXII	Os jogos de Gargântua.	121
CAPÍTULO XXIII	Como Gargântua foi instruído por Ponócrates com uma disciplina tal, que não perdia nem uma hora do dia	127
CAPÍTULO XXIV	Como Gargântua ocupava o tempo quando o dia estava chuvoso.	139
CAPÍTULO XXV	Como se desencadeou entre os vendedores de fogaças de Lerné e os da região de Gargântua o grande litígio que deu origem a duras guerras	145
CAPÍTULO XXVI	Como os habitantes de Lerné, por ordem do seu rei Picrochole, inesperadamente atacaram os pastores de Gargântua.	149
CAPÍTULO XXVII	Como um monge de Seuillé salvou o cerrado da abadia do saque dos inimigos	152

ÍNDICE

CAPÍTULO XXVIII	Como Picrochole tomou de assalto la Roche- -Clermault e da dor e da dificuldade que Grandgousier teve para começar a guerra.	161
CAPÍTULO XXIX	O teor da carta que Grandgousier escreveu a Gargântua	165
CAPÍTULO XXX	Como Ulrich Gallet foi enviado até Picrochole .	167
CAPÍTULO XXXI	A arenga que Gallet fez a Picrochole.	168
CAPÍTULO XXXII	Como Grandgousier, para obter a paz, mandou entregar as fogaças.	171
CAPÍTULO XXXIII	Como alguns governadores de Picrochole, por conselho precipitado, o puseram em grande perigo	175
CAPÍTULO XXXIV	Como Gargântua deixou a cidade de Paris para socorrer o seu país, e como Gymnaste encontrou os inimigos	184
CAPÍTULO XXXV	Como Gymnaste subtilmente matou o capitão Tripet e outros soldados de Picrochole.	187
CAPÍTULO XXXVI	Como Gargântua demoliu o castelo do Vau de Vêde, e como atravessaram o vau	191
CAPÍTULO XXXVII	Como Gargântua, ao pentear-se, fez cair dos seus cabelos as balas de artilharia	195
CAPÍTULO XXXVIII	Como Gargântua comeu seis peregrinos na salada	198
CAPÍTULO XXXIX	Como o monge foi festejado por Gargântua, e da bela conversa que tiveram durante o jantar	203
CAPÍTULO XL	Porque é que os monges fugiram do mundo, e porque é que alguns têm o nariz maior do que os outros	207
CAPÍTULO XLI	Como o monge fez dormir Gargântua, e do seu livro de horas e do seu breviário	211
CAPÍTULO XLII	Como o monge encorajou os seus companheiros, e como ficou pendurado numa árvore.	214
CAPÍTULO XLIII	Como a patrulha de Picrochole foi descoberta por Gargântua, e como o monge matou o capitão Tyravant, e ficou depois prisioneiro dos inimigos	217

CAPÍTULO XLIV	Como o monge se libertou dos seus guardas, e como a patrulha de Picrochole foi desfeita	220
CAPÍTULO XLV	Como o monge trouxe os peregrinos e das boas palavras que Grandgousier lhes disse	223
CAPÍTULO XLVI	Como Grandgousier tratou humanamente Toucquedillon prisioneiro	228
CAPÍTULO XLVII	Como Grandgousier enviou as suas legiões e como Toucquedillon matou Hastiveau e foi depois morto por ordem de Picrochole . . .	232
CAPÍTULO XLVIII	Como Gargântua sitiou Picrochole em la Roche-Clermault e desfez o exército do dito Picrochole	237
CAPÍTULO XLIX	Como Picrochole, ao fugir, foi surpreendido por infortúnios e o que fez Gargântua depois da batalha	243
CAPÍTULO L	A arenga que Gargântua fez aos vencidos.	246
CAPÍTULO LI	Como os vencedores gargantuistas foram recompensados depois da batalha	251
CAPÍTULO LII	Como Gargântua mandou construir para o monge a abadia de Thelema	255
CAPÍTULO LIII	Como foi construída e dotada a abadia dos Thelemitas	258
CAPÍTULO LIV	Inscrição colocada na grande porta de Thelema	261
CAPÍTULO LV	Como era a residência dos Thelemitas	266
CAPÍTULO LVI	Como estavam vestidos os religiosos e as religiosas de Thelema	268
CAPÍTULO LVII	Como procediam os thelemitas no seu modo de vida.	271
CAPÍTULO LVIII	Enigma em profecia	274
	<i>Notas</i>	279
APÊNDICE	<i>Nomes originais e características dos jogos de Gargântua referidos no capítulo XXII</i>	295

PANTAGRUEL

	Décima de mestre Hughes Salel ao autor deste livro	309
	Prólogo do autor.	311
CAPÍTULO I	Da origem e da antiguidade do grande Pantagruel.	315
CAPÍTULO II	Da natividade do muito temido Pantagruel	321
CAPÍTULO III	Do luto que Gargântua sentiu com a morte da sua mulher, Badebec	325
CAPÍTULO IV	Da infância de Pantagruel	329
CAPÍTULO V	Dos feitos do nobre Pantagruel na sua juventude	333
CAPÍTULO VI	Como Pantagruel encontrou um homem de Limoges que contrafazia a língua francesa . . .	338
CAPÍTULO VII	Como Pantagruel foi a Paris, e dos belos livros da biblioteca de Saint-Victor	342
CAPÍTULO VIII	Como estando Pantagruel em Paris recebeu uma carta do seu pai, Gargântua, e a cópia dela.	350
CAPÍTULO IX	Como Pantagruel encontrou Panurge, de quem gostou durante toda a sua vida	356
CAPÍTULO X	Como Pantagruel julgou equitativamente uma controvérsia maravilhosamente obscura e difícil, de um modo tão justo, que o seu juízo foi considerado muitíssimo admirável.	362
CAPÍTULO XI	Como os senhores de Baisecul e de Humevesne pleitearam sem advogados diante de Pantagruel	368
CAPÍTULO XII	Como o senhor de Humevesne pleiteou diante de Pantagruel	373
CAPÍTULO XIII	Como Pantagruel pronunciou a sentença sobre o diferendo dos dois senhores	378
CAPÍTULO XIV	Como Panurge conta a maneira como escapou das mãos dos Turcos	381
CAPÍTULO XV	Como Panurge ensina uma maneira muito inovadora de construir as muralhas de Paris. . . .	389
CAPÍTULO XVI	Dos hábitos e ocupações de Panurge	394

CAPÍTULO XVII	Como Panurge ganhava os perdões e fazia casar as velhas, e do processo que teve em Paris	400
CAPÍTULO XVIII	Como um grande clérigo de Inglaterra quis argumentar contra Pantagruel e foi vencido por Panurge	405
CAPÍTULO XIX	Como Panurge envergonhou o Inglês, que argumentava com gestos	411
CAPÍTULO XX	Como Thaumaste conta as virtudes e a sabedoria de Panurge	417
CAPÍTULO XXI	Como Panurge se apaixonou por uma importante senhora de Paris	419
CAPÍTULO XXII	Como Panurge fez uma partida à senhora parisiense que não lhe foi nada vantajosa	425
CAPÍTULO XXIII	Como Pantagruel partiu de Paris, ouvindo a notícia de que os Dípsodos invadiam o país dos Amaurotas, e a razão pela qual as léguas são tão pequenas em França	430
CAPÍTULO XXIV	Carta que um mensageiro trouxe a Pantagruel da parte de uma senhora de Paris e a explicação de uma frase escrita num anel de ouro	433
CAPÍTULO XXV	Como Panurge, Carpalim, Eusthenes e Epistemon, companheiros de Pantagruel, derrotaram muito subtilmente seiscentos e sessenta cavaleiros	437
CAPÍTULO XXVI	Como Pantagruel e os seus companheiros estavam cansados de comer carne salgada, e como Carpalim foi caçar para terem carne fresca	441
CAPÍTULO XXVII	Como Pantagruel ergueu um troféu em memória da sua proeza, e Panurge outro em memória dos lebrachos. E como Pantagruel com os seus peidos engendrou os homenzinhos e com as suas bufas as mulherzinhas. E como Panurge partiu um grande bastão em cima de dois copos	446
CAPÍTULO XXVIII	Como Pantagruel muito estranhamente obteve vitória sobre os Dípsodos e os gigantes	450

ÍNDICE

CAPÍTULO XXIX	Como Pantagruel derrotou os trezentos gigantes, armados com pedras de cantaria, e o seu capitão lobisomem	455
CAPÍTULO XXX	Como Epistemon, que tinha o corte encabeçado, foi habilmente curado por Panurge, e das notícias dos diabos e dos danados	463
CAPÍTULO XXXI	Como Pantagruel entrou na cidade dos Amaurotas, e como Panurge casou o rei Anarche e o fez pregoeiro de molho verde	475
CAPÍTULO XXXII	Como Pantagruel cobriu com a sua língua todo um exército, e o que o autor viu na sua boca . . .	479
CAPÍTULO XXXIII	Como Pantagruel ficou doente, e a maneira como se curou.	484
CAPÍTULO XXXIV	A conclusão do presente livro e a desculpa do autor.	487
	<i>Notas</i>	489
APÊNDICE	<i>Os títulos originais dos livros da biblioteca de Saint-Victor referidos no capítulo VII</i>	507

O TERCEIRO LIVRO

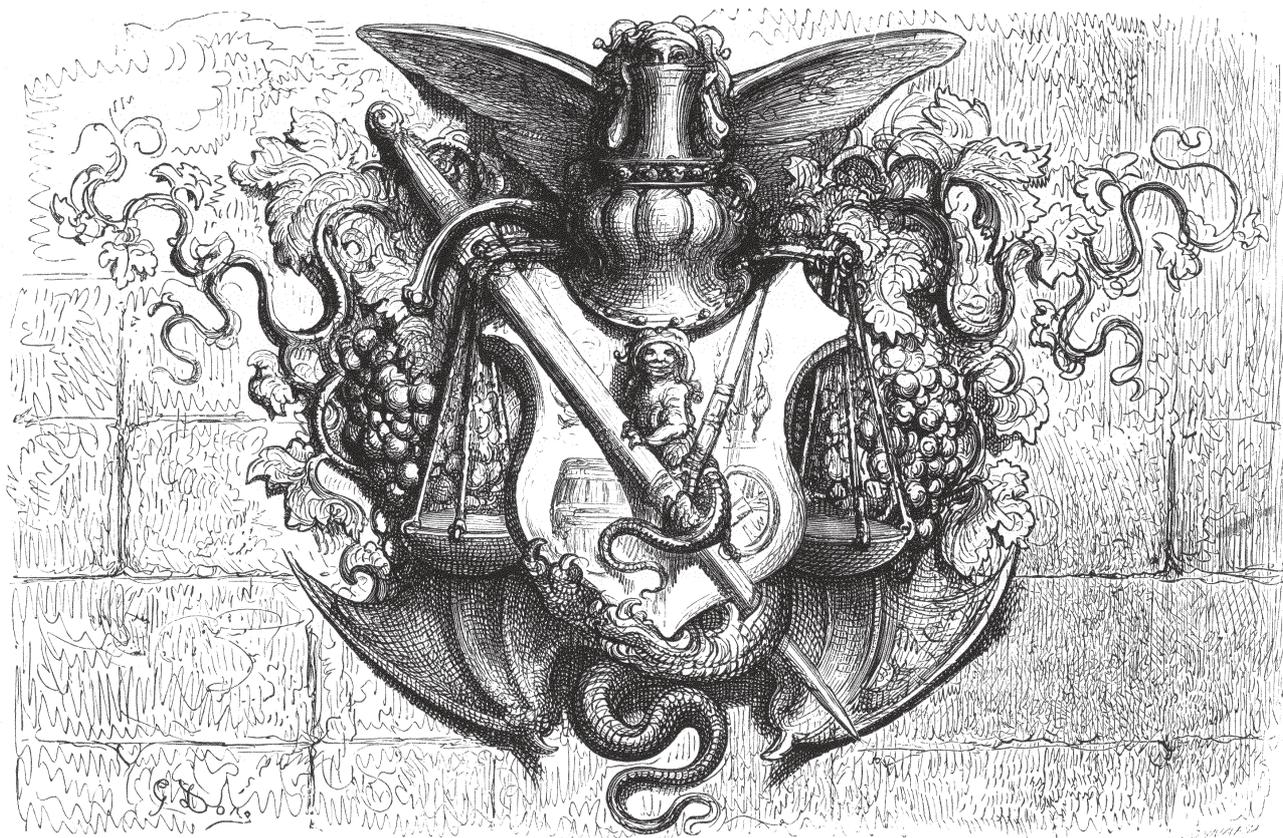
	François Rabelais ao espírito da rainha de Navarra	515
	Privilégio do rei	517
	Prólogo do autor.	521
CAPÍTULO I	Como Pantagruel levou uma colónia de Utopianos para Dipsódia	530
CAPÍTULO II	Como Panurge foi feito castelão de Salmiguondin, em Dipsódia, e vivia acima das suas possibilidades	535
CAPÍTULO III	Como Panurge elogia os devedores e os pedinchões.	540
CAPÍTULO IV	Continuação do discurso de Panurge, em louvor dos que emprestam dinheiro e dos devedores. . .	545

CAPÍTULO V	Como Pantagruel detesta os devedores e os pedinchões.	549
CAPÍTULO VI	Porque estavam os recém-casados isentos de ir à guerra.	552
CAPÍTULO VII	Como Panurge tinha a pulga atrás da orelha e deixou de usar a sua magnífica braguilha.	555
CAPÍTULO VIII	Como a braguilha é a primeira peça do arnês entre as pessoas de guerra	558
CAPÍTULO IX	Como Panurge se aconselha com Pantagruel para saber se deve casar	562
CAPÍTULO X	Como Pantagruel mostra a Panurge o quanto é coisa difícil dar conselhos sobre o casamento, e as sortes homéricas e virgilianas	566
CAPÍTULO XI	Como Pantagruel demonstra que a adivinhação pelos dados é ilícita.	571
CAPÍTULO XII	Como Pantagruel explora por sortes virgilianas qual será o casamento de Panurge.	573
CAPÍTULO XIII	Como Pantagruel aconselha Panurge a prever pelos sonhos a felicidade ou a infelicidade do seu casamento	578
CAPÍTULO XIV	O sonho de Panurge e a sua interpretação	584
CAPÍTULO XV	Desculpa de Panurge, e exposição de cabala monástica em matéria de boi salgado	589
CAPÍTULO XVI	Como Pantagruel aconselha Panurge a discutir com uma sibila de Panzoust.	593
CAPÍTULO XVII	Como Panurge fala à sibila de Panzoust	597
CAPÍTULO XVIII	Como Pantagruel e Panurge diferentemente interpretam os versos da sibila de Panzoust	602
CAPÍTULO XIX	Como Pantagruel louva o conselho dos mudos	607
CAPÍTULO XX	Como Nazdecabre respondeu por sinais a Panurge	611
CAPÍTULO XXI	Como Panurge recebeu conselho de um velho poeta francês chamado Raminagrobis	616
CAPÍTULO XXII	Como Panurge defende a ordem dos frades mendicantes	620
CAPÍTULO XXIII	Como Panurge faz um discurso para regressar até Raminagrobis	623

ÍNDICE

CAPÍTULO XXIV	Como Panurge recebe conselho de Epistemon. . .	628
CAPÍTULO XXV	Como Panurge se aconselha com Herr Trippa	632
CAPÍTULO XXVI	Como Panurge foi aconselhado por frade Jean des Entommeurs.	639
CAPÍTULO XXVII	Como frade Jean alegremente aconselha Panurge.	643
CAPÍTULO XXVIII	Como frade Jean reconforta Panurge sobre a dúvida de encornamento.	646
CAPÍTULO XXIX	Como Pantagrueel mandou reunir um teólogo, um médico, um legista e um filósofo devido à perplexidade de Panurge.	652
CAPÍTULO XXX	Como Hipotadeu, teólogo, deu o seu conselho a Panurge quanto ao projecto de casamento. . . .	655
CAPÍTULO XXXI	Como Rondibilis, médico, aconselha Panurge . .	660
CAPÍTULO XXXII	Como Rondibilis declara que o encornamento é um dos apanágios naturais do marido	666
CAPÍTULO XXXIII	Como Rondibilis, médico, indica um remédio para o encornamento	670
CAPÍTULO XXXIV	Como as mulheres desejam geralmente coisas proibidas.	674
CAPÍTULO XXXV	Como Trouillogan, filósofo, trata da dificuldade do casamento	678
CAPÍTULO XXXVI	Continuação das respostas de Trouillogan, filósofo céptico e pirrónico	681
CAPÍTULO XXXVII	Como Pantagrueel persuade Panurge a pedir o conselho de algum louco.	687
CAPÍTULO XXXVIII	Como Triboullet é brasonado por Pantagrueel e por Panurge	691
CAPÍTULO XXXIX	Como Pantagrueel assiste ao julgamento do juiz Bridoye, que lançava os dados para sentenciar os processos	696
CAPÍTULO XL	Como Bridoye explica os motivos pelos quais examinava o processo que decidia recorrendo ao lançamento dos dados	700
CAPÍTULO XLI	Como Bridoye conta a história do conciliador de processos	704

CAPÍTULO XLII	Como nascem os processos e como atingem a perfeição.	709
CAPÍTULO XLIII	Como Pantagruel desculpa Bridoye pelos julgamentos decididos pelo lançamento de dados	714
CAPÍTULO XLIV	Como Pantagruel conta uma estranha história das perplexidades do julgamento humano	717
CAPÍTULO XLV	Como Panurge recebe conselho de Triboullet	720
CAPÍTULO XLVI	Como Pantagruel e Panurge diferentemente interpretam as palavras de Triboullet	724
CAPÍTULO XLVII	Como Pantagruel e Panurge decidem visitar o oráculo da divina garrafa.	727
CAPÍTULO XLVIII	Como Gargântua demonstra que não é lícito os filhos casarem sem o conhecimento e o consentimento dos seus pais e das suas mães	730
CAPÍTULO XLIX	Como Pantagruel fez os seus preparativos para se fazer ao mar, e da erva chamada pantagruelião	735
CAPÍTULO L	Como deve ser preparado e utilizado o célebre pantagruelião	738
CAPÍTULO LI	Porque é chamado pantagruelião, e das suas admiráveis virtudes.	742
CAPÍTULO LII	Como certa espécie de pantagruelião não pode ser consumida pelo fogo.	747
	<i>Notas</i>	753



CAPÍTULO I

DA GENEALOGIA E DA ANTIGUIDADE DE GARGÂNTUA

Remeto-vos para a *Grande Crónica Pantagruelina*⁽¹⁴⁾, que vos dará a conhecer a antiguidade e a genealogia com que Gargântua chegou até nós. Nela compreenderéis mais pormenorizadamente como nasceram os gigantes neste mundo e como deles, em linha directa, saiu Gargântua, pai de Pantagruel; e não vos zangueis por disso me abster agora. Ainda que a coisa seja de tal ordem que, quanto mais recordada for, mais agradará a vossas senhorias, como atesta a autoridade de Platão no *Filebo* e no *Górgias* e a de Horácio, que diz que certos temas, como certamente estes, são tanto mais deleitáveis quanto mais vezes são repetidos.

Deus queira que cada um de vós saiba com tanta certeza a sua genealogia, desde a arca de Noé até à nossa época. Penso que muitos que são hoje na terra imperadores, reis, duques, príncipes e Papas descendem de vendilhões de relíquias e de reles vindimadores. Tal como, inversamente, muitos são mendigos de asilo, indigentes e miseráveis, e descendem do sangue de uma linhagem de grandes reis e imperadores, tendo em conta a admirável sucessão dos reinos e dos impérios:

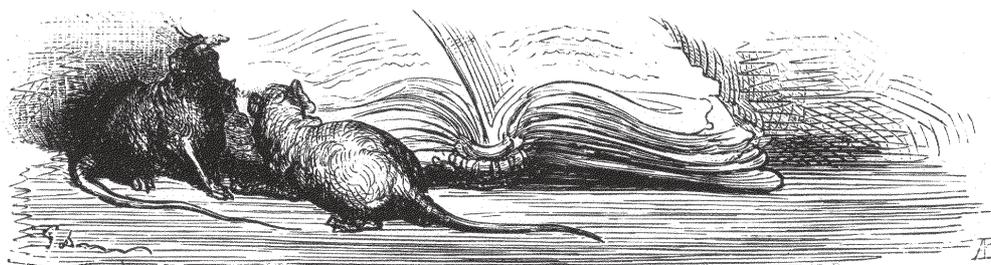
Dos Assírios aos Medos.
 Dos Medos aos Persas.
 Dos Persas aos Macedónios.
 Dos Macedónios aos Romanos.
 Dos Romanos aos Gregos.
 Dos Gregos aos Franceses.

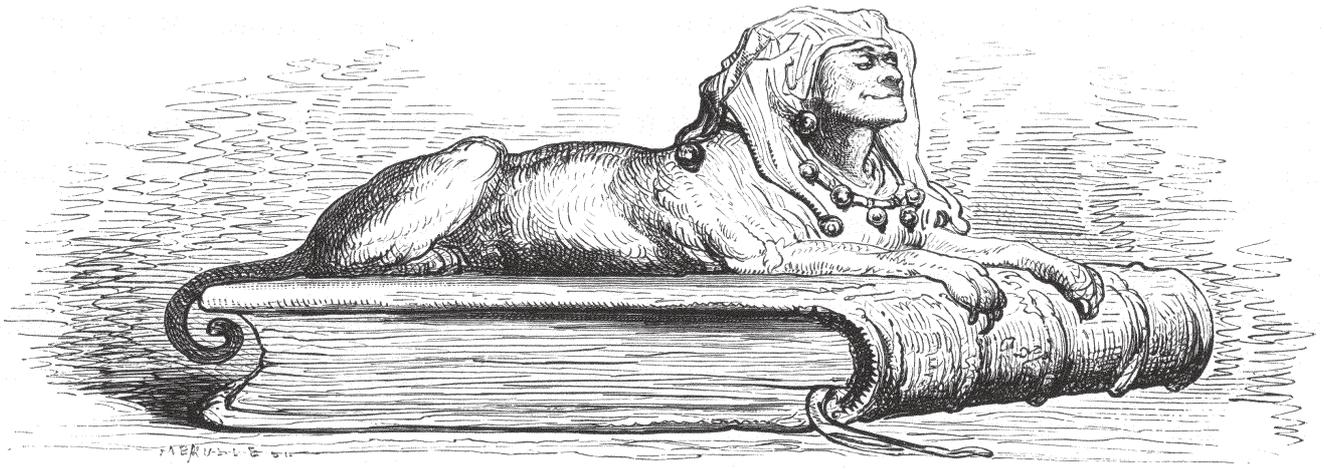
E, para que fiqueis a saber alguma coisa de quem vos fala, julgo que sou descendente de algum rico rei ou príncipe de outros tempos. Pois nunca tereis visto um homem tão obstinado quanto eu em ser rei e rico, com o objectivo de fazer banquetes, de não trabalhar, de não me preocupar com nada e de enriquecer muito os meus amigos e todas as pessoas de bem e instruídas. Mas com isto me reconforto: sê-lo-ei no outro mundo, e talvez ainda mais do que agora ousaria desejar. E vós, reconfortai a vossa infelicidade com este pensamento, ou com outro melhor, e bebei do fresco, se o puderdes fazer.

Voltando à vaca fria, digo-vos que um dom soberano dos céus nos conservou a antiguidade e a genealogia de Gargântua, mais completa do que qualquer outra; excepto a do Messias, da qual não falo, pois não me cabe fazê-lo, além de que os diabos (são eles os caluniadores e os denunciantes) a tal se opõem. E ela foi encontrada por Jean Audeau, num prado que havia perto de Arceau Galeau, abaixo de Olive, na direcção de Narsay. Ao limparem os fossos, os cavadores tocaram com as suas enxadas num grande túmulo de bronze, de um tamanho incomensurável, pois não lhe descobriram então o termo, visto que ele se embrenhava demasiado no interior

dos açudes de Vienne. Ao abrirem-no num determinado sítio assinalado, por cima de um vaso à volta do qual estava escrito em letras etruscas *Hic bibitur*⁽¹⁵⁾, descobriram nove frascos na ordem pela qual se medem os quilos na Gasconha. Desses frascos, aquele que estava no meio cobria um grosso, gordo, gris, bonito, pequeno e bafiento livro, com um odor menos intenso, mas não inferior ao das rosas. Nele foi encontrada a referida genealogia, minuciosamente escrita em letras de chancelaria. Não em papel, não em pergaminho, não em cera, mas sobre casca de olmeiro; porém, tão desgastada pelo tempo que mal se conseguia distinguir três letras seguidas.

Eu próprio (embora indigno) ali fui chamado, e com grande esforço de lunetas pratiquei a arte de ler letras não evidentes, tal como ensina Aristóteles, e traduzi-as, como podeis ver, pantagruelizando, ou seja, bebendo à larga e lendo os feitos horríficos de Pantagruel. No final do livro havia um pequeno tratado intitulado *As Bagatelas Antidotadas*. Os ratos e as baratas ou (para que não minta) outros malignos animais tinham roído o começo; o resto já o acrescentei mais abaixo por respeito pela antiguidade.





CAPÍTULO II

AS BAGATELAS ANTIDOTADAS ENCONTRADAS NUM MONUMENTO ANTIGO

ai ?(*) gou aquele que os Cimbro⁽¹⁶⁾ domina
ÿ ndo pelo ar, com medo do orvalho,
' sua vinda encheram toda a tina
 manteiga fresca, caindo em chuvada
= ual quando foi a grande mãe banhada
Gritou: «Senhor, tende a graça de o acudir,
Pois a sua barba está toda emporcalhada;
Ou dai-lhe, ao menos, uma escada p'ra subir».

Alguns diziam que lamber a sua pantufa
Era preferível aos perdões que ganhamos;
Mas surgiu um patife com grande lufa,
Saído do buraco onde por vezes pescamos,
Que disse: «senhores, por Deus, não o façamos,
A enguia está aqui, nesta fossa que tremeluz.
Aí se encontrará (se de perto olhamos)
Uma grande tara no fundo do seu capuz».

Quando tentaram ver o que o capítulo alvitra,
 Apenas encontraram os cornos de um vitelo.
 «Eu (dizia ele) sinto o fundo da minha mitra
 Tão frio que, envolto nela, o cérebro congelo».
 Com perfume de nabo tentaram aquecê-lo,
 E ficou todo contente ao pôr-se à lareira,
 Desde que voltassem a atrelar com desvelo
 Todos os que demonstrassem má maneira.

Falaram do buraco de São Patrício,
 De Gibraltar, como se possível fosse
 Cicatrizar esses e mil outros orifícios,
 De tal modo que lhe passasse a tosse;
 Pois a todos parecia escandaloso
 Vê-los assim por tudo e nada bocejar.
 Se porventura estivessem no calabouço
 Até os poderíamos como hóspedes dar.

Nessa altura o corvo viu-se pelado
 Por Hércules, que vinha da Líbia.
 «Mas, diz Minos⁽¹⁷⁾, porque não fui chamado?
 Excepto eu, todos vieram à porfia.
 E querem depois que me passe o apetite
 Fornecendo-lhes ostras e moedas ocas.
 Entrego-me ao diabo se este me permite
 Receber à discrição a sua venda de rocas.»

Para os castigar apareceu Q.B., que coxeia,
 Com um salvo-conduto dos estorninhos sagrados.
 Primo do grande ciclope, o que peneira
 Matou-os. Fiquem todos de narizes assoados,
 Raro é o libertino nascido nestes prados
 A que a roda do moinho suplício não garante.
 Correi todos para lá, e seja o alarme dado.
 Aí ganhareis muito mais do que antes.

A ave de Júpiter⁽¹⁸⁾, pouco tempo depois,
 Deliberou apostar tudo no pior.
 Mas vendo-lhes tão zangadas as feições
 Receou que arrasassem, destruíssem o império.
 E teria preferido o fogo do céu empíreo
 Roubar no cepo onde vendem os enchidos
 Que o ar sereno, contra o qual se conspira,
 Vir a sujeitar aos massoretas⁽¹⁹⁾ e seus ditos.

Tudo em pontas afiadas se derreia
 Apesar de Ate⁽²⁰⁾, perna magra sem igual
 Que ali se sentara, vendo Pentesileia⁽²¹⁾
 Que nos seus velhos anos fora tida por agrial.
 Todos diziam: «Desprezível carvoeira,
 Não devias pensar em escolher um caminho?
 Tu arrebataste aquela romana bandeira
 Que tinha sido traçada num pergaminho.

Se não fosse Juno⁽²²⁾, que sob o arco-íris
 Com o seu mocho pássaros caçava,
 Ter-lhe-iam pregado partidas tão vis
 Que de todos os lados se esfacelava.
 Foi este o acordo: de tal lote ela ficava
 Com dois ovos de Prosérpina⁽²³⁾,
 E se alguém um dia ali a apanhava
 Era amarrada ao monte de alva pina.

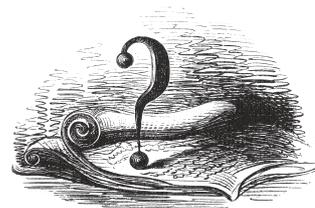
Sete meses depois, tirando vinte e dois,
 Aquele que a Cartago tirou a esperança⁽²⁴⁾
 Cortesmente no meio deles se pôs
 Exigindo receber a sua herança
 Ou uma partilha feita com temperança
 Segundo a lei mais justa e proba,
 Distribuindo sopa com bonança
 Aos patifes que redigiram o diploma.

Mas virá o ano, marcado por arco turquês,
 Por cinco fusos e três cus de marmita,
 No qual um rei demasiado pouco cortês
 Será vencido num hábito de eremita.
 Ah, piedade! Por uma reles hipócrita
 Deixaríeis perderem-se tantos arpentes?
 Cessai, pois esta máscara ninguém imita.
 Retirai-vos junto do irmão das serpentes.

Passado esse ano, aquele que é reinará
 Tranquilamente com os seus bons amigos.
 Nenhum grito ou golpe então dominará.
 Todo o bem-querer ali encontrará abrigos.
 E o descanso que foi outrora prometido
 Às pessoas do céu no seu campanário virá.
 Todo o estábulo que já se viu punido
 Num real palafrem, por fim, triunfará.

E durará esse tempo de trapaça
 Até que Março sinta a mordança.
 Depois virá um que todos ultrapassa;
 Delicioso, agradável, belo sem compasso.
 Elevai os vossos corações, ide ao repasto,
 Todas as minhas fezes. Pois esse finado
 Por nenhum bem recuará seu passo,
 De tal modo será o passado lamentado.

Finalmente, aquele que de cera foi
 Irá alojar-se no gonzo de um ponteiro.
 E não mais se aclamará «Senhor, oi!»
 O malabarista que segura o caldeiro.
 Ah! Quem segurasse o punhal inteiro:
 Seriam limpos todos os zunidos obtusos
 E poder-se-ia de modo bem matreiro
 Ridicularizar toda esta loja de abusos.





CAPÍTULO III

COMO GARGÂNTUA ESTEVE ONZE MESES NO VENTRE DA SUA MÃE

Grandgousier⁽²⁵⁾ era no seu tempo um bom folgazão, que gostava de emborcar copos como qualquer homem que então estivesse vivo, e dava-lhe especial prazer comer salgados. Por isso, tinha geralmente um bom abastecimento de presuntos de Mayence e de Bayonne, muitas línguas de boi fumadas, abundância de chouriços na estação deles e carne de vaca salgada com mostarda. Reforço de butargas, provisão de salsichas, não de Bolonha (pois ele receava o veneno dos Lombardos), mas de Bigorre, de Brenne e de Rouergue. Na sua idade viril desposou Gargamelle⁽²⁶⁾, filha do rei dos Papillons⁽²⁷⁾, bela moça e com uma bonita carantonha. E faziam tantas vezes juntos o animal com duas costas, esfregando-se alegremente um no outro, que ela não tardou a engravidar de um belo filho que esteve nada menos do que onze meses no seu ventre.

Pois tanto tempo, ou até mesmo mais, podem as mulheres transportar uma criança no ventre, sobretudo quando se trata de alguma obra-prima ou de uma personagem que deve fazer grandes proezas no seu tempo. Como diz Homero, a criança (da qual Neptuno engravidou a ninfa⁽²⁸⁾) nasceu volvido um ano: foi no décimo segundo mês. Porque (como diz Aulo Gélio⁽²⁹⁾ no livro III) esse

longo tempo convinha à majestade de Neptuno, para que aquela criança se pudesse formar com perfeição. Por razão semelhante, Júpiter fez durar quarenta e oito horas a noite em que dormiu com Alcmena. Porque em menos tempo não teria podido forjar Hércules, que limpou o mundo de monstros e de tiranos.

Os antigos senhores pantagruelistas confirmaram aquilo que eu digo e declararam não apenas possível mas também legítima a criança nascida de mulher no décimo primeiro mês após a morte do marido.

Hipócrates⁽³⁰⁾, livro *A Alimentação*.

Plínio⁽³¹⁾, livro VII, cap. V.

Plauto⁽³²⁾, *in A Cestinha*.

Marco Varro⁽³³⁾ na sátira intitulada *O Testamento*, alegando a autoridade de Aristóteles a este respeito.

Censorinus⁽³⁴⁾, livro *Do Dia do Nascimento*.

Aristóteles, livro VII, cap. III e IV de *A Natureza dos Animais*.

Aulo Gélio, livro II; cap. XVI. Sérvio⁽³⁵⁾, acerca das *Éclogas*, explicando este verso de Virgílio: «A mãe ao fim de dez meses»⁽³⁶⁾, etc.

E mil outros loucos. O seu número viu-se aumentado pelos juristas. «*Dos Seus Legítimos*», «*Sem Testamento*», parágrafo «*Filhos*».

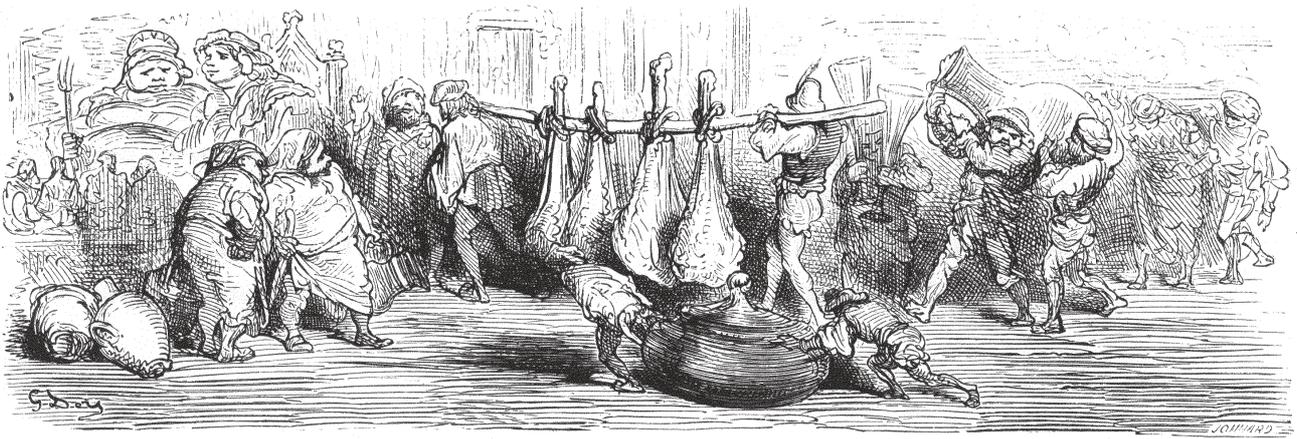
E nas *Autênticas* «*Das Restituições*», «*Sobre Aquela que Pariu ao 11.º Mês*».

Além disso, eles ainda garatujaram a sua reafiambrada⁽³⁷⁾ lei «*Gallus*», além da *Pandecta* «*Dos Filhos e Herdeiros Póstumos*», e da lei VII, na *Pandecta* «*Do Estatuto do Homem*», e de outras das quais não ousa agora falar.

Por intermédio dessas leis, as mulheres viúvas podem livremente enroscar-se com outro, dois meses depois do falecimento do marido. Peço-vos o grande favor, a vós meus bons companheiros, de, no caso de encontrardes algumas que mereçam que eu abra a braguilha, virdes até cá acima mostrar-mas. Pois, se ficaram grávidas no terceiro mês, o seu fruto será herdeiro do defunto. E, conhecida a gravidez, elas correm descaradamente para outro lugar, e seja o que Deus quiser, visto que a barriga está cheia. Tal como Júlia, filha do imperador Octaviano, apenas se entregava aos seus tamborileiros quando se

sentia grávida, do mesmo modo que um navio só recebe o seu piloto quando está calafetado e carregado. E se alguém as censura por se deixarem remendifornicar⁽³⁸⁾ assim durante a sua gravidez, visto que os animais durante a sua prenhez não toleram nunca um macho cobridor, elas respondem que não são animais, mas sim mulheres, com pleno conhecimento dos belos e alegres pequenos direitos de reenchimento, como outrora respondeu Popúlia, segundo o relato de Macróbio⁽³⁹⁾, no livro II das *Saturnais*. Se o diabo não quer que elas engravidem, ter-se-á de torcer o espicho, e boca fechada.



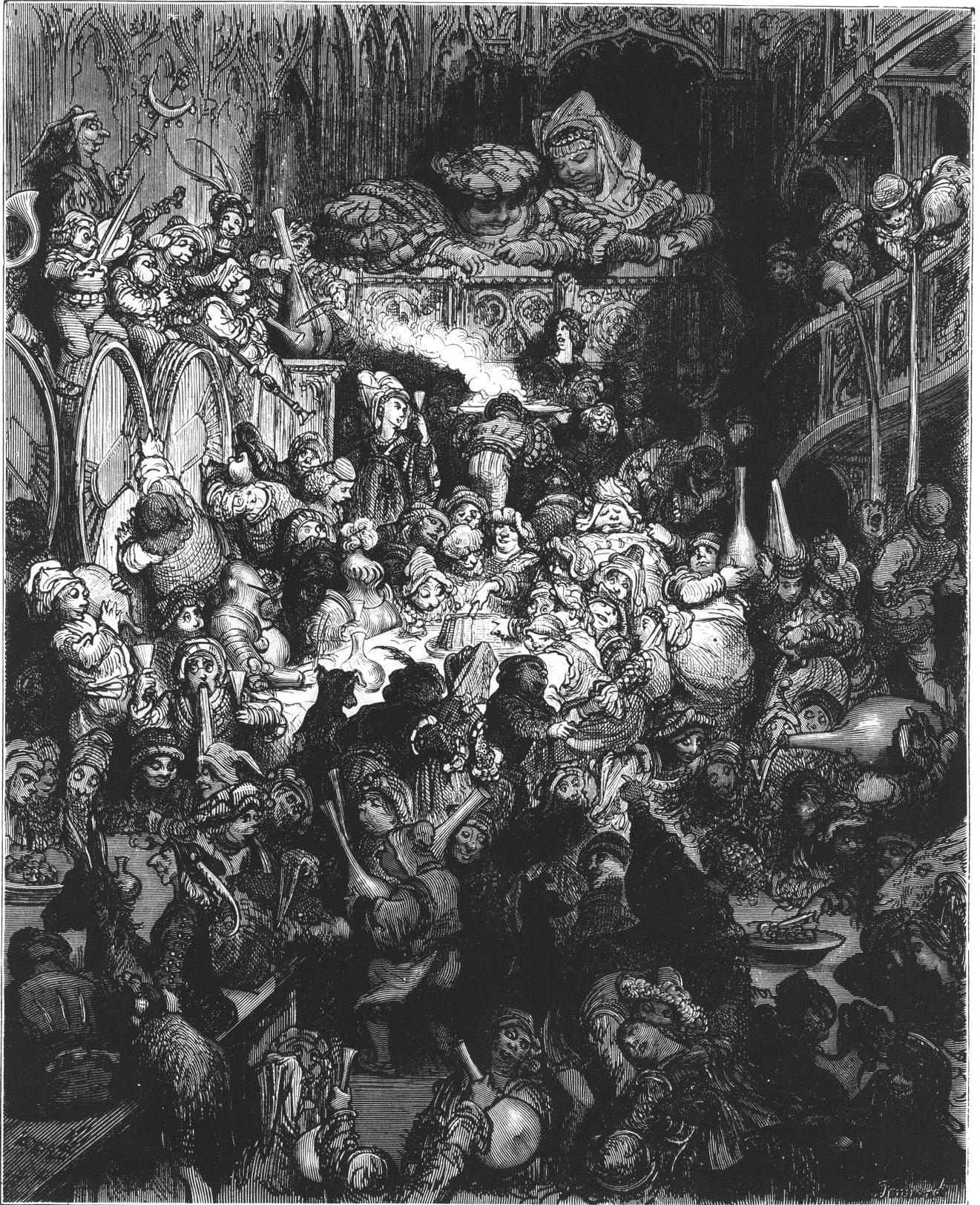


CAPÍTULO IV

COMO GARGAMELLE, ESTANDO GRÁVIDA DE GARGÂNTUA, COMEU UMA GRANDE QUANTIDADE DE TRIPAS

A ocasião e a maneira como Gargamelle pariu foi a seguinte. E, caso não acrediteis, que o vosso ânus descaia. O ânus dela descaiu depois de jantar, no terceiro dia de Fevereiro, por ela ter comido demasiada dobrada. A dobrada é feita com as tripas grossas de cornões⁽⁴⁰⁾. Cornões são bois engordados no estábulo e em prados revezantes⁽⁴¹⁾. Prados revezantes são aqueles onde cresce erva duas vezes por ano. Destes gordos bois foram mortos trezentos e sessenta e



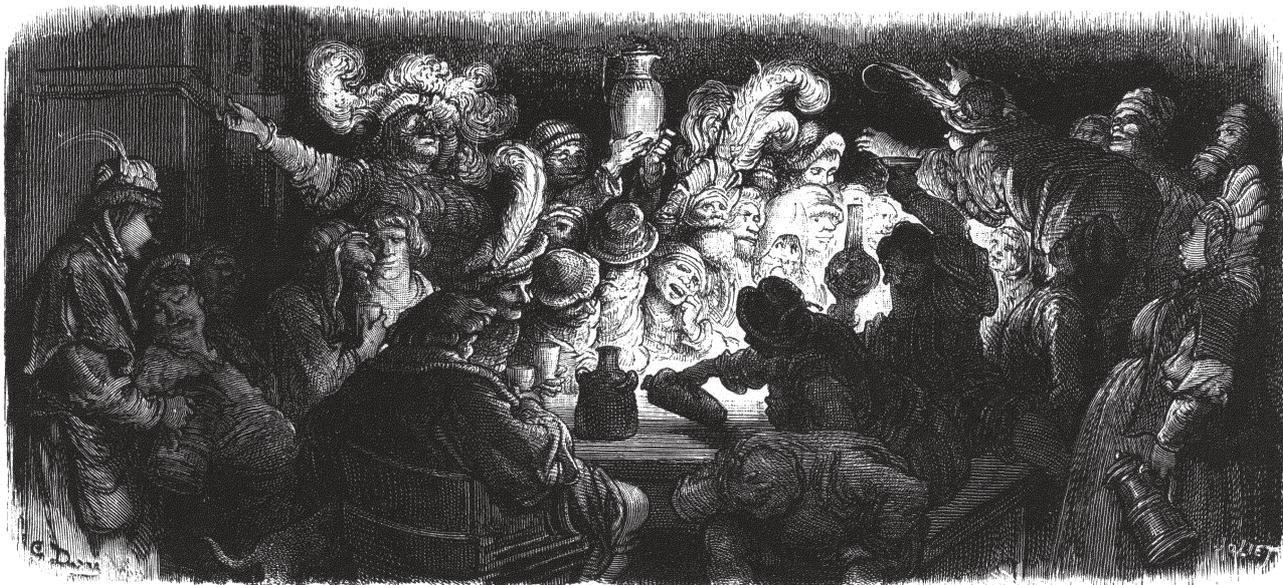


sete mil e catorze, para que ficassem salgados no Carnaval e para que na Primavera tivessem boi da estação em quantidade, e assim comemorassem a salga no início das refeições e fosse melhor a entrada no vinho.

As tripas foram copiosas, como já sabeis; e estavam tão saborosas que todos chupavam os dedos. Mas o grande bico-de-obra era não se poder guardá-las durante muito tempo. Pois acabariam por apodrecer, o que parecia indecente. Pelo que ficou decidido que as devorariam sem que nada se perdesse. Convidaram, para esse efeito, todos os cidadãos de Cinais, de Seuillé, de La Roche-Clermault, de Vaugardy, sem se esquecerem de Le Coudray, Montpensier, do vau de Vède e de outros vizinhos, todos eles bons bebedores, bons camaradas e belos jogadores de chinquilha. O gentil Grandgousier teve nisso enorme prazer, e ordenou que tudo se escoasse das gamelas. Disse, porém, à mulher que comesse menos, visto que ela se aproximava do termo da gravidez, e que aquela tripagem não era carne muito recomendável. «Aquele (dizia ele) que masca a membrana tem grande vontade de mascar merda». Apesar destas admoestações, ela comeu dezasseis almudes, emborcou quinhentos e quarenta litros e mais seis marmitas. Que bela matéria fecal se devia revolver no seu interior!

Depois do jantar, foram todos em desordem até ao salgueiral, e aí, sobre a erva alta, dançaram ao som das alegres flautas e das doces cornamusas, tão animadamente que era um divertimento celeste vê-los folgarem assim.





CAPÍTULO V

AS CONVERSAS DOS MUITO BÊBEDOS

Em seguida, puseram-se animadamente à conversa naquele mesmo local. E eram garrafas a chegar, presuntos a saltar, copázios a voar, jarros a tilintar.

— Tira!

— Traz!

— Vira!

— Mistura!

— Dá-mo sem água, assim mesmo, meu amigo.

— Esvazia galantemente esse copo!

— Traz-me do clarete, copo transbordante!

— Basta de sede!

— Ah, maldita febre, será que não vais passar?

— Pela minha fé, comadre, não posso emborrachar-me.

— Estais enregelada, amiga?

— Sim!

— Pela barriga de São Quenet, falemos de beber!

- Eu só bebo a certas horas, como a mula do Papa.
- Eu só bebo do meu breviário, como um belo frade superior.
- O que surgiu primeiro, a sede ou a bebida?
- A sede. Pois quem teria bebido sem sede no tempo da inocência?
- A bebida. Pois *privatio presupponit habitum*⁽⁴²⁾. Eu sou clérigo. *Faecundi calices quem non fecere disertum*⁽⁴³⁾.
- Nós, os inocentes, bebemos mesmo quando não temos sede nenhuma.
- Eu, que sou pecador, nunca bebo sem sede. E se não beber pela presente, bebo pela sede futura. Antecipando-a, compreendeis? Bebo pela sede vindoura. Bebo eternamente, numa eternidade de bebedeira e numa bebedeira de eternidade.
- Cantemos e bebamos. Entoemos um motete.
- E quem me serve esse clarete?
- Mas será que só posso beber por procuração?
- Molhai-vos para vos secardes ou secai-vos para vos molhardes?
- Não percebo nada de teórica, da prática ainda me socorro um pouco.
- Despacha-te!
- Molho, humedeço, bebo. E tudo isso por medo de morrer.
- Bebei sempre e nunca morrereis.
- Se não bebo, fico a seco. Eis-me morto. A minha alma vai desaparecer num charco qualquer. A alma nunca pode habitar em seco.
- Taberneiros, ó criadores de novas formas, transformai-me de não bebedor em bebedor!
- Perenidade de irrigação para este secas e nervosas tripas!
- Bebe para nada, quem não o sabe sentir.
- Este entra no interior das veias, nada sobrar para o urinol.
- Eu lavaria de bom grado as tripas daquele vitelo que preparei esta manhã.
- Enchi bem o meu estômago.
- Se o papel das minhas dívidas bebesse tanto como eu, os meus credores iriam ficar toldados quando chegasse o momento de as liquidar.



- Esta mão suja-vos o nariz.
- Ah, quantos copos ali entrarão antes de este sair de lá!
- Um copo com tão pouco vinho é coisa para nos partir o pescoço.
- Isto chama-se um engodo de frascos.
- Qual é a diferença entre garrafa e bilha?
- Grande, porque a garrafa é tapada com uma rolha e a bilha com uma verga.
- Essa é boa!
- Os nossos pais beberam bem e esvaziaram as cabaças.
- Está bem cagado, cantado. Bebamos!
- Quereis levar alguma coisa à ribeira? Aquele ali vai lavar as tripas.
- Não bebo mais do que uma esponja.
- Bebo como um templário.
- E eu *tamquam sponsus*⁽⁴⁴⁾.
- E eu *sicut terra sine aqua*⁽⁴⁵⁾.

— Um sinónimo de presunto?

— É um promotor da beberagem. É uma prancha. Pela prancha desce-se o vinho até à cave, pelo presunto até ao estômago.

— Toca a beber, toca a beber. Ainda há espaço. *Respice personam, pone pro duos, bus non est in usus*⁽⁴⁶⁾.



— Se eu subisse tão bem como emborco, em breve estaria todo inteiro nos ares.

— Assim se tornou rico Jacques Coeur⁽⁴⁷⁾.

— Assim cresce a mata nos baldios.

— Assim conquistou Baco a Índia.

— Assim a filosofia conquistou Melinde.

— Pequena chuva abate grande vento. Longas beberagens interrompem a trovoadas.

— Mas, se o meu colhão mijasse tal urina, não gostaríeis de a chupar?

— Seguro-o já a seguir.

— Pajem, vem cá, é a minha vez de te sugerir a minha nomeação.

— Sorve, Guillot, o vinho ainda não acabou.

— Eu vou mover um processo contra a sede, acusando-a de enganosa. Pajem, anota devidamente o meu recurso.

— Só mais este restinho!

— Dantes eu bebia tudo, agora não deixo nada.

— Não nos apressemos, é necessário misturar tudo muito bem.

— Aqui estão tripas para degustar, dobrada apetitosa, este boizinho raiado de negro. Ah, por Deus, vamos despachar tudo isto proveitosamente.

— Bebei ou eu...

— Não, não!

— Bebei, rogo-vos.

— Os pássaros só comem quando lhes batemos na cauda. Eu só bebo quando me lisonjeiam.

— *Lagona edatera*⁽⁴⁸⁾.

— Não há uma única nesga do meu corpo a que este vinho não venha mitigar a sede.

— Este excita-ma bem.

— Aquele ali iria de todo bani-la.

— Proclamemos, ao som de frascos e de garrafas, que aquele que perdeu a sede não a venha procurar aqui. Longos clisteres de beberagem expulsaram-no de casa.

— O grande Deus criou as estações, e nós fazemos as degustações.

— Tenho a palavra de Deus na boca: *Sitio*⁽⁴⁹⁾.

— A pedra chamada *ἀσβεστος*⁽⁵⁰⁾ é tão inextinguível como a sede que tem a minha paternidade.

— O apetite vem enquanto comemos, dizia Hangest⁽⁵¹⁾ em Mans. A sede desaparece quando se bebe.

— Remédio contra a sede?

— Ele é o contrário daquele que é dado contra a mordedura de cão: correi sempre atrás do cão, ele nunca vos morderá; bebei sempre antes da sede, e ela nunca vos apanhará.

— Apanhei-vos a dormir, malandro. Taberneiro celeste, não nos deixeis adormecer. Argos⁽⁵²⁾ tinha cem olhos para ver; de cem mãos, como tinha Briareu⁽⁵³⁾, precisa um taberneiro para infatigavelmente verter.

— Ah, molhemos, é tão bom secar.

— Do branco verte todo, em nome do diabo, verte-o cheiinho. Já se me péla a língua.

— Brindemos, amigos!

— A ti, companheiro, à nossa, à nossa!

— Isso, isso! Temos de devorar tudo!

— Ó *lachryma Christi*⁽⁵⁴⁾!

— Mas é Devinière, é vinho Pinot!

— Ah, o gentil vinho branco é, pela minha alma, um vinho de tafetá.

— Hum, hum, este é de trás da orelha, bem enroupado e de boa lã.

— Coragem, meu companheiro!

— Para este jogo nada temos a recear, pois me calhou uma boa vaza.

— *Ex hoc in hoc*⁽⁵⁵⁾. Não há qualquer encantamento. Todos vós o pudestes ver. Sou disso mestre encartado.

— Upa, upa, sou o padre Macé!

— Ah, os bebedores! Ah, os sequiosos!

— Pajem, meu amigo, peço-te que aqui enchas e coroes o meu vinho.

— Como um chapéu de cardeal!

- *Natura abhoret vacuum*⁽⁵⁶⁾.
- Achais que uma mosca se atreveu a bebê-lo todo?
- À moda da Bretanha!
- Esvaziai, esvaziai a pinga!
- Engoli-a, pois não há melhor remédio!

